

CEDI - P. I. B.
DATA 07 / 08 / 87
COD. 02082

Tübinger Geographische Studien	Nº 95	1987	pp. 253-270	Tübingen
( = Tübinger Beiträge zur Geographischen Lateinamerika-Forschung, Nº 3)				
HOMEM E NATUREZA NA AMAZÔNIA / HOMBRE Y NATURALEZA EN LA AMAZONÍA				

**RONDÔNIA: FRENTE PIONEIRA E PROGRAMA POLONOROESTE.  
O PROCESSO DE DIFERENCIAÇÃO SOCIO-ECONÔMICA NA PERIFERIA  
E OS LIMITES DO PLANEJAMENTO PÚBLICO\***

Martin Coy  
Tübingen

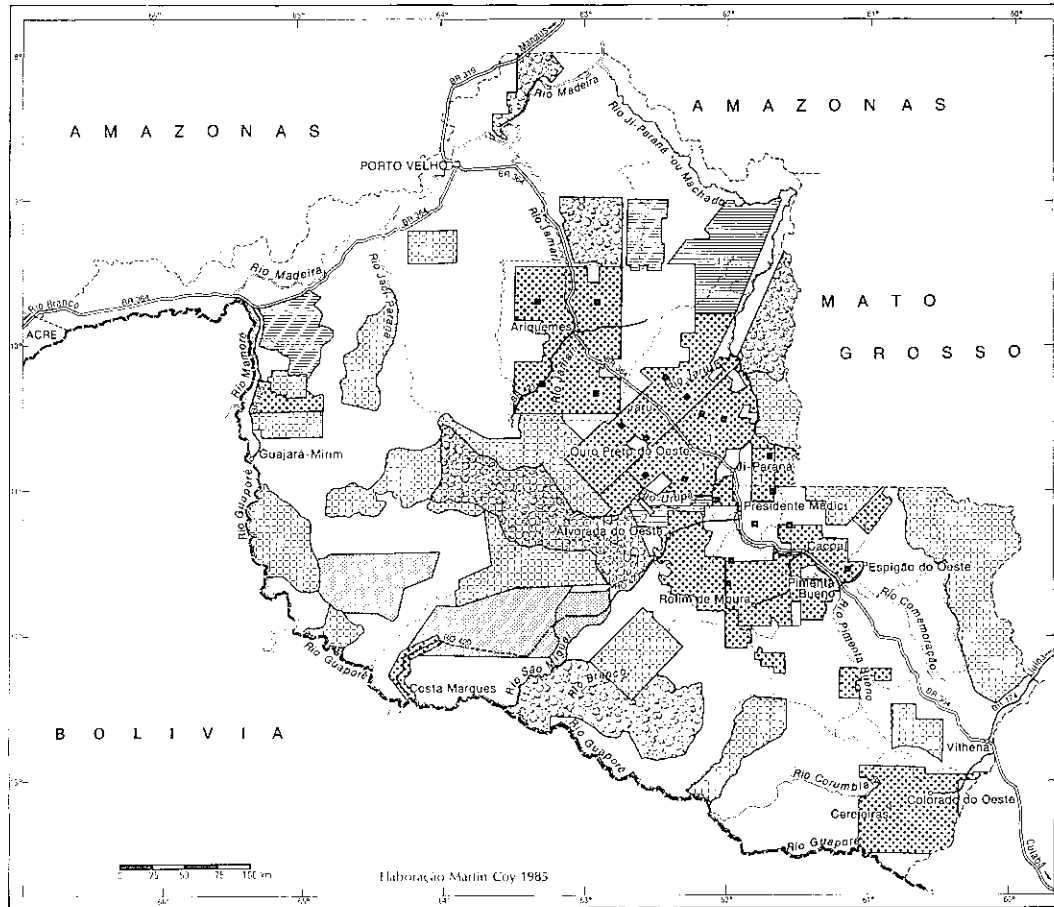
1. As determinantes do desenvolvimento regional de Rondônia

O estado de Rondônia é desde os anos setenta uma das frentes pioneiras mais dinâmicas da Amazônia brasileira. Esse dinamismo revela-se sobretudo na interdependência dos dois fatores dominantes do desenvolvimento regional: migração e colonização, seja na forma dirigida, semi-dirigida, ou espontânea, determinando de maneiras diferentes a organização espacial de Rondônia como frente pioneira.

A partir do final da década de sessenta, observa-se um fluxo migratório contínuo e crescente, principalmente de populações camponesas oriundas do Sul, Sudeste e Centro-Oeste brasileiro para essa frente pioneira na Amazônia ocidental. Essas ondas migratórias causaram em Rondônia uma taxa de crescimento populacional de 16 % p.a. na década de setenta, a maior taxa verificada em um estado brasileiro. Em números absolutos, a migração tende, no entanto, a aumentar cada vez mais nos últimos anos, sendo o total de 364.320 migrantes que chegaram em Rondônia de 1981 a 1984 bem maior do que o total de 254.374 migrantes para toda a década de setenta (SEPLAN/RO-NURE 1984, 1985). A maior parte desses migrantes pertenceu nas regiões de procedência aos grupos de minifundistas, parceiros, trabalhadores rurais, enfim, às camadas inferiores da sociedade rural que se viram ameaçadas naquelas regiões do "centro" brasileiro por uma expulsão maciça do campo devido à chamada "modernização" da agricultura brasileira, em consequência do modelo capitalista de desenvolvimento no Brasil, sobretudo a partir do golpe militar de 1964.<sup>1</sup>

O outro fator determinante da organização espacial da frente pioneira rondoniana consiste no assentamento dirigido dos migrantes em busca de "terra para trabalhar" em projetos oficiais de colonização (Fig. 1), instalados em Rondônia a partir de 1970 pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA). Até 1985 mais do que 40.000 famílias receberam, assim, um lote por essa ação colonizadora do INCRA em Rondônia. O sistema de assentamento era inicialmente caracterizado pela distribuição de lotes de

ORGANIZAÇÃO DO ESPAÇO E PLANEJAMENTO EM RONDÔNIA



- Colonização 1970-1981
- Áreas dos projetos
  - Área de estado PIC "Ouro Preto"
- Programa POLONOROESTL desde 1981
- Projetos de colonização:
    - 2 Grupo
    - 3 Machadão
  - Projetos planejados de colonização
  - NUCAR (Núcleo Urbano de Apoio à Ruralidade)
  - Outros projetos móveis de colonização
  - Áreas destinadas à colonização
  - Reservas indígenas
  - Reservas florestais

100 ha, inserindo-se este, então, à política de "integração e valorização" da periferia amazônica por explorações camponesas - como "válvula de escape" - propagada no começo dos anos setenta, sobretudo no âmbito do "Programa de Integração Nacional" (PIN) (cf. MAHAR 1979). Paralelamente às mudanças da política de desenvolvimento a nível nacional e amazônico no decorrer dos anos setenta (cf. KOHLHEPP 1981) ocorrem, no entanto, profundas mudanças na política colonizadora também em Rondônia, resultando primordialmente em uma redução cada vez maior da assistência governamental aos colonos assentados. Além da diminuição dos lotes distribuídos a 50 ha, observa-se um aumento da discrepância entre oferta limitada de lotes em projetos de colonização e demanda crescente de "terra para trabalhar" em função do aumento impressionante da migração. Resultados dessa situação, porém, são particularmente: o incremento de diversos conflitos de interesses, a predominância de formas espontâneas de apropriação da terra e uma ampliação da urbanização pioneira incipiente. A ação governamental, contudo, se reduz nesse contexto, partindo de uma função inicial de propulsionar o desenvolvimento regional, à mera tentativa - com sucesso alternante - de controlar o desenvolvimento espontâneo.<sup>2</sup>

No entanto, o objetivo do presente trabalho é de mostrar, a partir de alguns exemplos analisados do maior e mais antigo projeto de colonização em Rondônia, o PIC "Ouro Preto" (Fig. 1), fundado em 1970, que o referido dinamismo da frente pioneira não só causou ao mesmo tempo sérios problemas ecológicos,<sup>3</sup> não só conduziu a um aumento de diferentes conflitos de terra,<sup>4</sup> como levou também, antes de mais nada, a um processo mais silencioso de diferenciação sócio-econômica no campo. Essa manifesta-se em diferentes estratégias de uso agrícola dos pequenos produtores, correspondendo, economicamente, a diferentes graus de integração e dependência do mercado e, socialmente, a diferentes estratégias de sobrevivência camponesa. A diferenciação social mostra-se também - e em função do desenvolvimento regional cada vez mais inquietante - em diferentes formas de apropriação da terra: o aumento da venda de lotes por colonos assentados facilita a formação de disparidades dentro da fronteira camponesa pela fragmentação das terras oposta à concentração da propriedade que ocorre simultaneamente, além do fato de que um número crescente dos migrantes se vêem impedidos a longo termo de realizarem o objetivo básico da sua migração, a aquisição de terra.

Como um todo, essa diferenciação mostra, mais uma vez, a ambigüidade social da estratégia do assentamento de pequenos colonos na Amazônia em vez de uma reforma agrária no "centro" brasileiro, e elucida ao mesmo tempo - como o autor se propõe a demonstrar no exemplo de alguns aspectos do programa POLONOROESTE - os limites do planejamento público diante das contradições estruturais da sociedade brasileira.

## 2. Estratégias de uso agrícola, estratégias de sobrevivência camponesa

O assentamento de pequenos produtores nas frentes pioneiras na Amazônia tem que ser visto de preferência sob dois aspectos:

- a) a distribuição de terras "inocupadas" e, assim, "improdutivas" - a ocupação tradicional das terras amazônicas pelos grupos indígenas, pe-

Martin Coy

- los caboclos e seringueiros, tendo sido em grande parte ignorada pela percepção oficial - a uma população carente sem terra, com a finalidade de aliviar tensões sociais das regiões "modernizadas";
- b) o aumento da produção agrícola, principalmente de produtos alimentícios básicos (arroz, milho, feijão), mas também de produtos de maior valor comercial no mercado interior e sobretudo exterior (café, cacau, seringueira plantada), pela expansão das fronteiras agrícolas, substituindo de certa maneira a produção de alimentos básicos nas regiões centrais desalojada nessas regiões pela expansão induzida do setor agrícola modernizado (cf. KOHLHEPP 1986, LÜCKER 1986).

Em relação aos colonos assentados em Rondônia mostram-se diferentes níveis de "sucesso" econômico, embora seja esse um conceito bastante discutível, ou, do ponto de vista do colono, diferentes estratégias de sobrevivência camponesa. Pois, a análise de 79 lotes de colonos assentados no PIC "Ouro Preto" evidenciou que abertura e valorização desses lotes não correspondem, mesmo sob condições semelhantes, a um processo uniforme.<sup>5</sup> Propomos tornar esse fato explícito pelo exemplo de 4 lotes de 100 ha no PIC "Ouro Preto", cuja abertura se iniciou de oito a dez anos atrás (Fig. 2). Esses quatro exemplos representam hoje quatro tipos diferentes de exploração com quatro estratégias diferentes de uso agrícola. As razões dessas diferenças estruturais encontram-se em diferentes condições individuais, na aplicação diferente de culturas de mercado, no acesso e utilização diferentes de, p.ex., créditos de investimento e em uma percepção diferente das condições agrícolas locais.

O exemplo 1 (Fig. 2) representa o tipo orientado em primeiro lugar à garantia da própria subsistência na base do cultivo de "lavouras brancas" e da comercialização somente da produção excedente (Fig. 3). A base do trabalho agrícola neste exemplo é exclusivamente a mão-de-obra familiar. Além disso, consegue-se uma renda adicional pelo emprego da força de trabalho familiar em outros lotes nos arredores.

O exemplo 3 (Fig. 2) é - já pelo volume da produção e pelo tamanho da área cultivada - orientado muito mais à comercialização do produto agrícola. Embora a base econômica no momento seja também o cultivo de arroz, milho e feijão (porém, com uma porcentagem muito maior do produto vendido) (Fig. 3), o colono confia, em termos de futuro, na viabilidade e no sucesso econômico das culturas perenes. Isto se revela através da implantação de uma lavoura financiada de seringueira (os financiamentos para seringueira, de maior expressão em Rondônia durante os últimos anos, provêm dos programas PROBOR) e da implantação de um cafezal, essa feita com os próprios recursos, caso típico nos lotes dos colonos em Rondônia. Estes fizeram da cultura cafeeira, trazendo-a das suas regiões de procedência, a cultura perene de maior importância regional. Além da mão-de-obra familiar, a parceria constitui um fator importante da força de trabalho agrícola neste exemplo.

Também no exemplo 2 (Fig. 2) a "lavoura branca" e uma pequena lavoura de café contribuem consideravelmente ao rendimento familiar, se bem que o volume de produção seja bem inferior comparado com o caso anterior (Fig. 3). No entanto, a criação de gado bovino é nesse exemplo de importância primordial revelando-se na utilização do lote, sendo já a maioria da área aberta

transformada em pasto (as gramíneas mais utilizadas são Panicum maximum, Brachiaria decumbens e recentemente Brachiaria humidicola) (Fig. 2).

Essa transformação de roça em pasto representa uma tendência típica não só da grande exploração, mas também da agricultura camponesa rondoniana sendo, p.ex., somente nos 79 lotes analisados, a porcentagem do pasto na área desmatada com relação a cada lote na média já de 44 %.<sup>6</sup> Entre as razões da pecuarização destacam-se as seguintes:

- a) a formação de pasto e a criação de gado representam uma alternativa atrativa para os colonos devido aos riscos elevados do cultivo tanto de culturas anuais como de culturas perenes (preços oscilantes, baixos, percebidos como não-compensatórios, problemas fitossanitários, etc.);
- b) a aquisição de gado tem que ser vista não só na qualidade do fator produtivo mas também como "reserva de valor";
- c) mesmo o gado estando ausente, alugar o pasto pode aumentar a renda familiar;
- d) o pasto valoriza o lote e o colono lhe dá preferência à capoeira, sendo essa sob o ponto de vista ecológico preferencial, mas na percepção do colono de baixo valor;
- e) o valor simbólico da propriedade de gado como indício de ascensão social tem que ser considerado nesse mesmo contexto.

O exemplo 4 (Fig. 2) representa um tipo altamente orientado à comercialização do produto agrícola. Atualmente, essa concentra-se no café (produto de alto valor nos mercados comparado com a "lavoura branca") e na venda de milho, feijão e bananas (sendo essas últimas cultura de sombreamento da lavoura de cacau) (Fig. 3). Encontram-se, no entanto, já implantadas nesse lote outras lavouras perenes (uma de cacau, outra de seringueira) (Fig. 2). Todas essas lavouras perenes foram implantadas com financiamentos. Embora esse último tipo seja o mais diversificado e o "melhor sucedido" (pelo menos na percepção dos planejadores), ele contém também riscos bastante altos pela problemática dos créditos agrícolas (risco de endividamento), pelos riscos econômicos (dependência do mercado e dos atravessadores, oscilação dos preços) e ecológicos (problemas fitossanitários) das culturas anuais, mas sobretudo das culturas perenes, e pelos custos bastante altos da mão-de-obra, pois nesse caso a mão-de-obra familiar não consegue mais cuidar do lote inteiro, cuja maior parte já está sendo transformada em área cultivada. Precisa-se, então, de parceria (no caso de uma parte da lavoura do café e da seringueira) e do emprego de força de trabalho alheia (colonos ou agregados dos arredores) para desempenhar o trabalho agrícola.

Embora os quatro exemplos citados constituam só uma primeira e incompleta aproximação a uma "tipologia" dos colonos-parceiros em Rondônia, eles já apontam para a existência simultânea de diferentes estratégias de exploração ou de reprodução sócio-econômica, representando toda uma ampla gama da sobrevivência camponesa tradicional até formas dirigidas principalmente à orientação e integração no mercado. Reprodução camponesa na frente pioneira rondoniana não significa, portanto, um processo homogêneo, pois compõe-se, dentro do mesmo sistema regional, de diferentes "vias de reprodução" - camponesa "não-capitalista" de um lado, via "modernizada" com tendências de transição a um modo de produção "capitalista" de outro lado.<sup>7</sup>

USO AGRÍCOLA EM 4 LOTES DO PIC "OURO PRETO" 1983

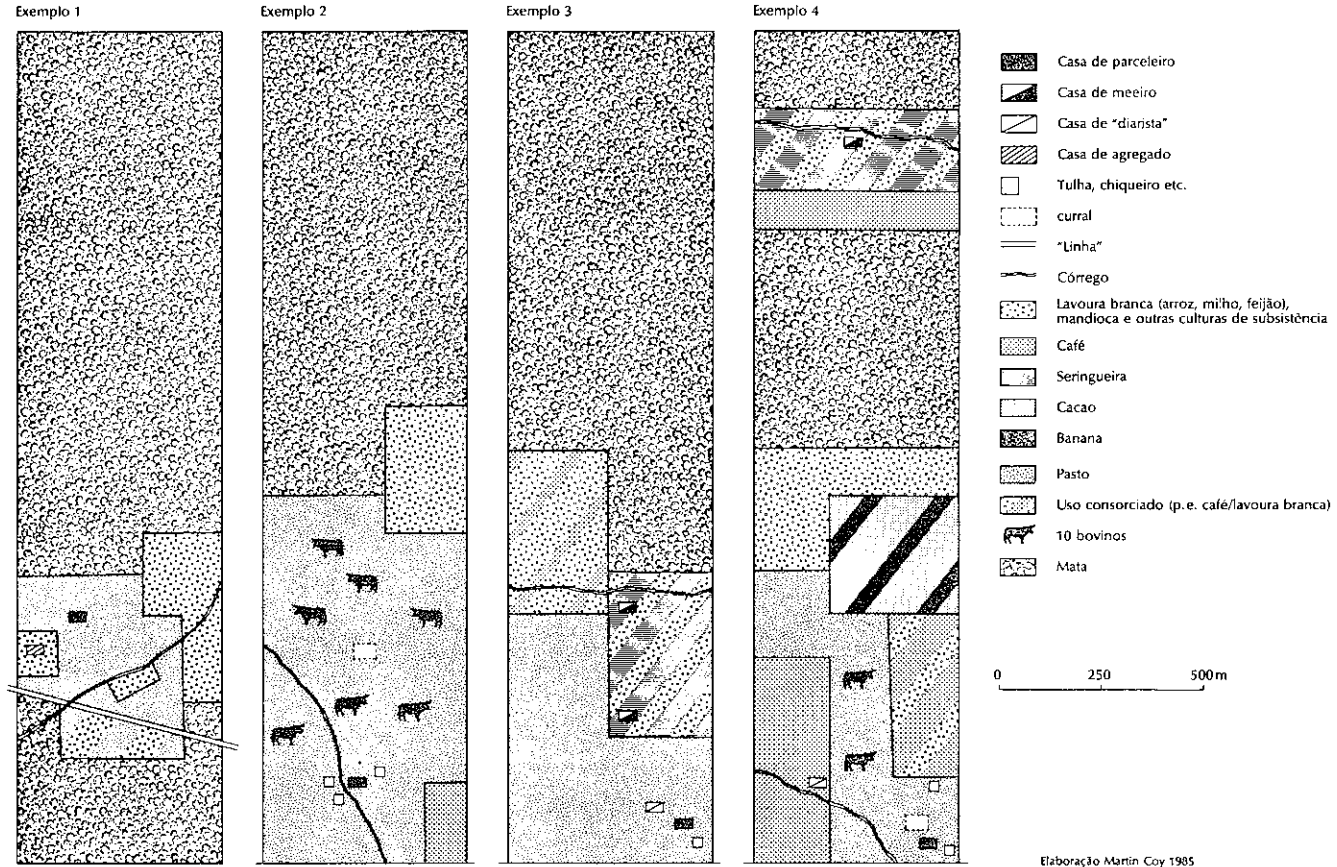


Fig. 2

PRODUÇÃO COLHETADA E COMERCIALIZADA DOS 4 LOTES NO PIC "OURO PRETO" 1983

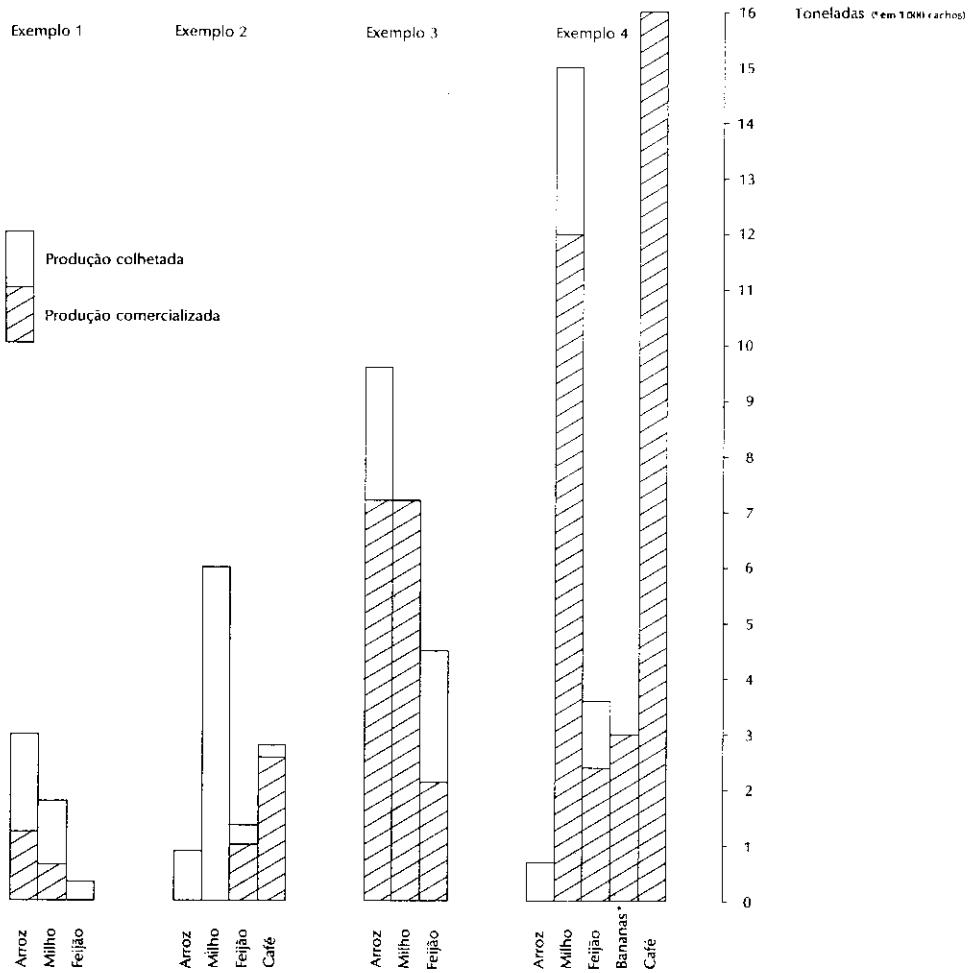


Fig. 3

Diferentes estratégias de uso agrícola e de sobrevivência camponesa indicam um processo de diferenciação sócio-econômica dentro do grupo social dos colonos-parceleiros. A viabilidade dessas estratégias a longo termo dependerá, no entanto, além das condições individuais, além das restrições ecológicas e além da força "regulativa" do mercado (cuja determinação encontra-se fora do quadro regional e, em parte, mesmo fora do quadro nacional) sobretudo de uma política governamental criando os espaços de reprodução e equilibrando os conflitos entre essas diferentes estratégias.



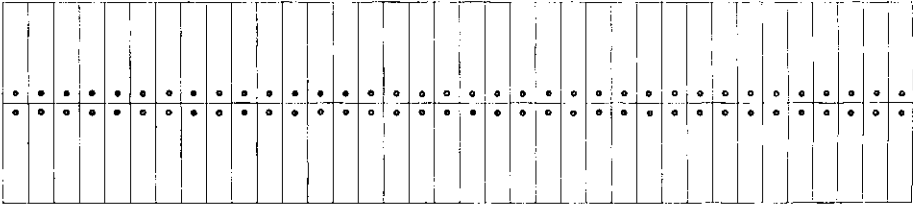
Martin Coy

3. Um exemplo de diferenciação e estratificação social no campo

Transpondo essa abordagem exemplar ao conjunto do meio-rural rondoniano e dando maior ênfase à estruturação social, a formas e mudanças de apropriação da terra, ressaltamos em seguida processos mais amplos de diferenciação e estratificação sócio-econômica nas áreas de colonização em Rondônia, devido aos problemas específicos de produção e comercialização agrícola (preços instáveis, dependência dos atravessadores, problemas de crédito, instabilidade da produção, etc.) e devido aos problemas gerais das condições de vida no campo rondoniano (p.ex. a malária e suas conseqüências sócio-econômicas, insuficiências das infraestruturas básicas no campo, etc.). Temos que acrescentar a esses fatos uma pressão constante sobre o espaço rural em conseqüência da migração acelerada, uma pressão sob as diversas formas, também em função de uma progressiva estratificação da sociedade local e dos grupos migratórios na atual fase de "consolidação" da frente pioneira.

DIFERENCIAÇÃO SOCIAL EM UMA LINHA DO PIC "OURO PRETO"

Situação 1972/1973

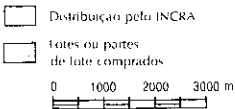


Situação 1984

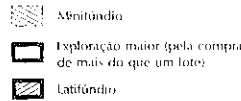


Elaboração: Martin Coy 1985

Aquisição da terra



Formas de exploração



Posição social das famílias

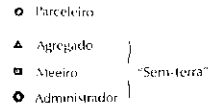


Fig. 4



Referimo-nos, nesse contexto, às mudanças estudadas em uma "linha" (estrada vicinal) com 72 lotes de 100 ha no PIC "Ouro Preto" ocorridas no decorrer de somente doze anos após o assentamento dos primeiros parceleiros pelo INCRA (Fig. 4).<sup>8</sup>

A venda da terra pelos primeiros parceleiros devido aos problemas acima mencionados corresponde ao ponto de partida das mudanças estruturais. No caso estudado, 63 % dos colonos assentados pelo INCRA em 1972/1973 já venderam os seus lotes (Fig. 4). Isso não é nada de excepcional: embora não existam dados oficiais a esse respeito, é o próprio INCRA que avalia a porcentagem das vendas em muitas áreas de colonização a aproximadamente 50 %.<sup>9</sup> Em função dessa tendência à venda de terra, destacam-se principalmente quatro direções de uma nova emigração rumo:

- a) a outras áreas rurais em Rondônia, geralmente mais "para frente";
- b) às cidades pioneiras da região ao longo da estrada Cuiabá-Porto Velho;<sup>10</sup>
- c) aos NUAR, novos núcleos urbanos no meio-rural rondoniano (cf. cap.4);
- d) a outras frentes pioneiras - mais novas - na Amazônia, particularmente o Território Federal de Roraima que, de certa maneira, adquire, cada vez mais, o mesmo significado para os colonos rondonianos que coube a Rondônia no caso dos camponeses do Paraná, Espírito Santo, Mato Grosso, etc.

No que diz respeito a diferentes formas de apropriação da terra e a mudanças da propriedade rural ocorridas no caso estudado, além da compra frequente de uma parcela original de 100 ha por migrantes recém-chegados, significando isso, porém, na maioria dos casos meramente uma "troca de colonos" pois o modo de produção dos novos colonos não difere daquele dos antigos, podemos detectar sobretudo duas tendências opostas (Fig. 4):

- uma tendência à **concentração da propriedade** pela compra sucessiva de vários lotes por colonos bem sucedidos, ou através de novos migrantes dispondo de um capital próprio. Em alguns casos, essa tendência pode originar a criação de pequenos latifúndios pela acumulação de terra dentro das áreas de colonização. É o que mostra a compra de 12 lotes de colonos assentados pelo INCRA por um comerciante (um intermediário de produtos agrícolas) de Ji-Paraná/RO, prova esta da interferência da nova burguesia regional no processo de apropriação da terra. O exclusivo objetivo econômico, ou seja, a criação extensiva de gado, apresenta-se nesse caso - contrário à exploração camponesa - já como um modo de produção "capitalista". Além disso, parece-nos provável que o aspecto da acumulação de terra como "reserva de valores" seja nesses casos de importância primordial;
- podemos observar por outro lado uma tendência à **fragmentação das parcelas** pela compra de pequenas partes de lotes p.ex. por migrantes recém-chegados que enfrentam, cada vez mais, as dificuldades de acesso à terra pela distribuição do INCRA, dispondo, em contrapartida, somente de recursos financeiros restritos. Corresponde, então, a uma tendência à minifundização a longo termo de êxito duvidoso, visto o sistema extensivo vigente de uso agrícola.

Martin Coy

Além dessas diferenciações dentro do grupo dos colonos-proprietários de terra, observamos a emergência e a perpetuação de uma classe de colonos "sem terra" na frente pioneira rondoniana. 63 % das 193 famílias que moram na "linha" estudada não são proprietários de terra. 36 % deles são meeiros, o restante agregados nos lotes de outros colonos (Fig. 4). Embora, à primeira vista, não sejam fatos novos da organização social na frente pioneira, pois muitos dos colonos-proprietários de hoje têm percorrido a mesma situação no começo do seu estabelecimento em Rondônia, meação e agregação poderiam tornar-se, cada vez mais, em uma situação social perpétua, devido à penúria atual de terras de colonização em projetos oficiais. Consideramos como um revelador em relação a esse aspecto do processo de diferenciação social a fundação do "Movimento dos Sem-Terra" também em Rondônia, uma região considerada ainda pouco tempo atrás como o "Eldorado amazônico" - sobretudo quanto ao acesso à terra.

O exemplo estudado revela, portanto, a reprodução de estruturas sociais desiguais no campo rondoniano, processo que, aliás, sempre acompanhou a chamada "consolidação" das frentes pioneiras no Brasil.

#### 4. Programa POLONOROESTE: planejamento e realidade na frente pioneira. Algumas críticas

Contribuir a um desenvolvimento regional equilibrado diante dos conflitos de interesses virulentos na região e diante das conseqüências prováveis da sua própria meta central, a pavimentação da BR 364 Cuiabá-Porto Velho, era um dos objetivos centrais do programa POLONOROESTE, que desde 1981 constitui a ação governamental de maior expressão no campo rondoniano. O programa, um dos maiores do seu gênero no Brasil inteiro, iniciado pelo último governo militar, tem o apoio financeiro do Banco Mundial que exerceu, de maneiras diferentes, também influência na concepção do programa (cf. CEPARO 1983, WORLD BANK 1981).

POLONOROESTE contém, no entanto, nos seus segmentos diferentes, as contradições básicas do desenvolvimento regional rondoniano:

- a) o prosseguimento da ocupação da frente pioneira, por um lado (pelas componentes da pavimentação da BR 364, da construção de novas estradas vicinais e da instalação de novos projetos de assentamento - cf. Fig. 1 para a localização desses novos projetos);
- b) a proteção dos interesses da população indígena de Rondônia e a proteção do meio ambiente - ou, pelo menos, a limitação da destruição ecológica - por outro lado (cf. Fig. 1 para a localização das reservas indígenas e das reservas florestais).<sup>11</sup>

Porém, o aspecto conservacionista tinha - sobretudo na primeira fase do programa - já por seu volume financeiro, meramente uma função de "apêndice". Fica em questão para o futuro se as mudanças ocorridas no programa em função da "avaliação de meio-termo", em função de críticas internacionais e em função de intervenções do Banco mundial, que dentre outros aspectos fizeram com que a parte conservacionista recebesse maior importância, vão poder dar uma outra direção ao desenvolvimento da frente pioneira rondoniana.

#### 4.1. O exemplo dos NUAR

Todavia, vamos concentrar as nossas reflexões no contexto dos processos referidos de diferenciação da sociedade camponesa rondoniana a alguns aspectos de um subprograma de POLONOROESTE com relação à consolidação dos assentamentos existentes em Rondônia. Trata-se do "Projeto de Desenvolvimento Rural Integrado" (PDRI-Rondônia), cuja meta principal era a instalação de inicialmente 39 "Núcleos Urbanos de Apoio Rural" (NUAR). Porém, somente 20 desses NUAR foram realizados até hoje em pontos considerados estratégicos no que diz respeito à localização central e a possíveis raios de influência desses núcleos no campo, em áreas de colonização distantes da BR 364 (para a localização dos NUAR cf. Fig. 1).

A idéia dos NUAR era, em primeiro lugar, criar centros de abastecimento melhor para a população no espaço rural, pois foram instaladas nesses núcleos as infraestruturas básicas, até então deficientes nessas áreas, como:

- posto de saúde,
- colégio,
- armazém da CIBRAZEM para a produção agrícola,
- postos avançados de diferentes órgãos governamentais com atuação rural.

Dentro de um espaço restrito nos arredores dos NUAR (abrangendo ca. de 1.000 famílias de colonos) as estradas vicinais - de certa maneira as "artérias vitais" da colonização e, ao mesmo tempo, devido às condições climáticas, os seus pontos mais críticos - têm prioridade quanto à manutenção e reconstrução.

O PDRI-Rondônia está prevendo sobretudo uma assistência governamental maior aos colonos nos setores da produção agrícola, da assistência médica e educacional e no setor de organização social, com a finalidade de contribuir à fixação definitiva dos colonos à terra. É nas áreas definidas de abrangência dos NUAR que essa assistência maior pelos órgãos governamentais no âmbito do programa deveria tomar corpo.

Não vamos abordar aqui os amplos problemas da realização dessas diferentes metas citadas,<sup>12</sup> embora sejam esses em muitos aspectos um exemplo a mais para a influência direta de rivalidades e interesses políticos a níveis local, regional e nacional em planos e metas concretas de desenvolvimento regional, um exemplo a mais para a falta de integração da atuação dos órgãos competentes nesses projetos de desenvolvimento, chamado "integrado" (bem visível p.ex. na parte do trabalho participante pela criação de "Comissões de Desenvolvimento Rural"), um exemplo a mais para a falta de comunicação e entendimento tanto entre diferentes níveis de planejamento e execução do programa, como entre o estado executor e os colonos atingidos, embora sejam esses alguns exemplos a mais da falta preponderante de conceitos de assistência adaptados às condições regionais e às condições sócio-culturais dos colonos. Também não vamos abordar o problema mais amplo e de cunho teórico da função e da ambigüidade política, econômica e social de programas de desenvolvimento regional na periferia sob as condições de um estado autoritário-burocrático.<sup>13</sup>

Martin Coy

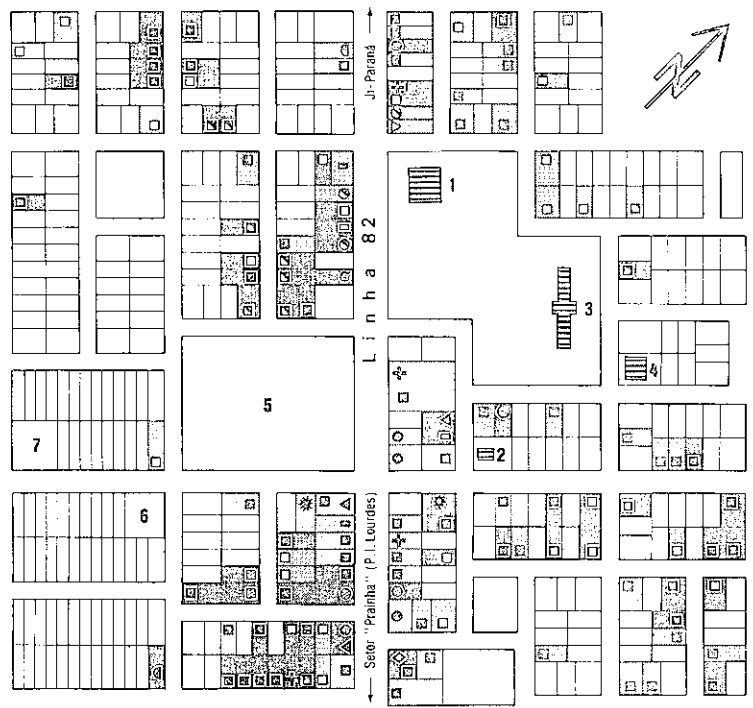
Vamos restringir o nosso debate ao exemplo do desenvolvimento urbano incipiente dos NUAR, sendo este prova de uma discrepância nítida entre a tentativa de ordenar e controlar o desenvolvimento da frente pioneira por programas governamentais e o desenvolvimento real. Esse desenvolvimento real evidencia, no entanto, que também esses novos núcleos, frutos da ação governamental planejadora, já são atingidos pelos processos de diferenciação sócio-econômica, prova que essa última foge do controle do estado e dos seus programas de desenvolvimento e, ao mesmo tempo, é uma prova dos limites do planejamento público diante dos mecanismos inerentes ao "relacionamento" entre "centro" e "periferia" na sociedade brasileira.

Ponto de partida da nossa análise constitui a situação nos três NUAR existentes na área do PIC "Ouro Preto".<sup>14</sup> O mapeamento de um daqueles NUAR em três situações diferentes durante o primeiro ano após a instalação dos núcleos (cf. Fig. 5) mostra esse desenvolvimento urbano incipiente, embora seja ainda mais fraco do que em alguns núcleos espontâneos, ou nas cidades pioneiras mais recentes nos novos "eixos de penetração" para o oeste rondoniano (p.ex. Rolim de Moura ou Alvorada do Oeste, cf. Fig 1). Além das instalações de infraestrutura pública, observa-se, no entanto, a formação de um setor comercial no NUAR, embora essas atividades comerciais, por enquanto, mostrem mais características de um "setor informal", sendo essas, antes de mais nada, tentativas de sobrevivência dos novos habitantes.<sup>15</sup> Isso revela-se também na declaração de um novo morador que "lugar novo" seria "melhor para o pobre".

Todavia, como se evidenciou em entrevistas com colonos-parceleiros nas áreas rurais de abrangência, fica ainda bem restrita a atratividade dos NUAR para a população rural, visto o mau funcionamento de alguns dos serviços públicos instalados (p.ex. os postos de saúde), a ausência de outros serviços previstos (como no caso apresentado, a ausência do armazém da CIBRAZEM), a ausência de banco, correio e outros serviços e, finalmente, visto a fase incipiente do setor comercial, tanto agrícola intermediário como varejista. Portanto, encontram-se também na área urbana - pelo menos dos NUAR do PIC "Ouro Preto" - apenas em menor número moradores vindos das suas áreas de abrangência rural, embora tenha sido este o plano inicial, que previu a distribuição dos lotes urbanos<sup>16</sup> a colonos dessa área de abrangência (cf. Fig. 6.1.). Muitos daqueles colonos, no entanto, logo venderam o lote urbano recebido no NUAR a uma outra clientela, nova e crescente, que se compõe de colonos-"sem terra" dos arredores, de pessoas carentes e marginalizadas vindas das cidades da região em busca de uma sobrevivência econômica e social, seguindo a idéia que "lugar novo" seja "melhor para o pobre". Além disso, estabelecem-se migrantes recém-chegados em Rondônia, cada vez mais, também nos NUAR, muitos deles procedentes diretamente de áreas urbanas do sul e sudeste brasileiro na busca de um "retorno a uma vida camponesa" na periferia amazônica. Mas o retorno ao campo revela-se sempre mais difícil diante da penúria atual de terras de colonização nos projetos oficiais<sup>17</sup> (cf. Fig. 6.1.).

Análogo a isso, só uma parcela menor dos habitantes entrevistados nos NUAR possui terra; alguns são somente proprietários de minifúndios nos arredores dos núcleos; no caso do NUAR "Nova Colina" encontraram-se entre os moradores entrevistados posseiros do Parque Indígena "Lourdes" (cf. Fig. 1), o que também indica o envolvimento indireto do POLONOROESTE e suas metas em

### MAPA FUNCIONAL DO NUAR "NOVA COLINA"



**Casas de habitação**

- em construção
- ▣ construída, não habitada
- ▤ habitada
- ▥ abandonada

**Casas de uso comercial (incl. habitação)**

- em construção
- ◐ construída, não utilizada
- ◑ utilizada
- ◒ abandonada

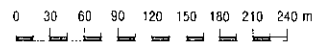
- ◊ Bar, "bolicho"
- Bazar
- ▲ Cerealista (Máquina de arroz)
- ◊ Escola de datilografia
- Oficina mecânica
- ✂ Serraria
- △ Farmácia
- ◇ Dentista
- ✝ Igreja

**Construções de infraestrutura pública**

- 1 Centro administrativo
- 2 Posto de saúde (PS II)
- 3 Colégio
- 4 Casa de trânsito (reservado aos técnicos)
- 5 Área reservada à CIBRAZEM
- 6 Caixa de água
- 7 Gerador de energia (motor de óleo diesel)

**Desenvolvimento urbano**

- Levantamento
- 1.8.1983
  - 1.11.1983
  - 1.11.1984



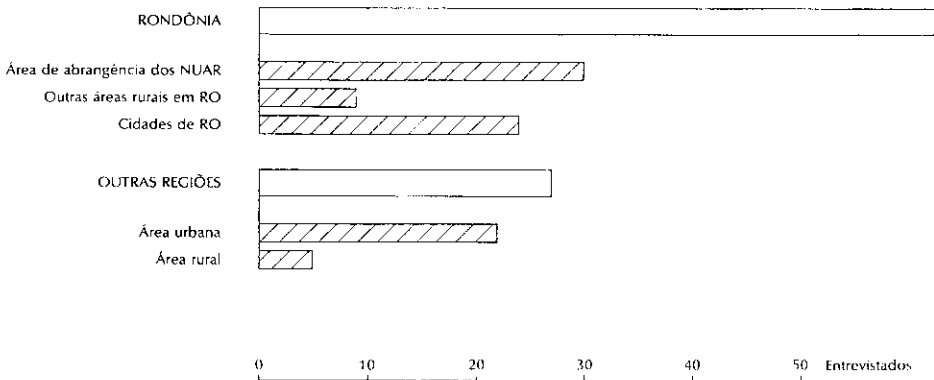
Elaboração: Martin Coy 1985

Fig. 5

Martin Coy

**INDICADORES DA ESTRUTURA SOCIAL NOS NUAR DO PIC "OURO PRETO"**

**1. ÚLTIMA PROCEDÊNCIA DOS 90 HABITANTES ENTREVISTADOS NOS NUAR**



**2. PROPRIEDADE DA TERRA DOS 90 HABITANTES ENTREVISTADOS NOS NUAR**

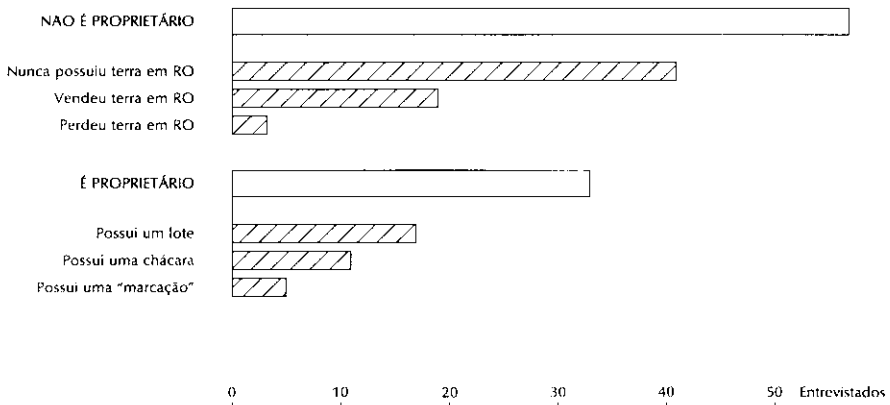


Fig. 6

conflitos atuais de terra (cf. COY 1986). Todavia, a maioria dos entrevistados não tem terra. Esses moradores ou nunca tiveram terra ou a venderam antes de mudar-se para o núcleo (cf. Fig. 6.2.).

Considerando o fato de que 80 % dos entrevistados nos três NUAR do PIC "Ouro Preto" declararam como motivo da migração para Rondônia a aquisição de um lote rural pelo INCRA, já esse pequeno estudo de caso elucida o fato

de os NUAR e seus novos habitantes inserirem-se, também, ao processo de diferenciação da frente pioneira.

## 5. Conclusão

A nossa análise tratou somente de um aspecto do desenvolvimento do espaço rural rondoniano. Embora os colonos e migrantes em busca de terra sejam, sem dúvida nenhuma, os seus agentes sociais de maior importância, podemos também observar na frente pioneira rondoniana - portanto, em escala bem menor do que na Amazônia oriental - contrastes nítidos entre a "frente camponesa" e frentes, sejam essas "capitalistas" ou "especulativas",<sup>18</sup> causando tensões e conflitos mais visíveis do que os processos de diferenciação, expostos neste trabalho.

Tentamos mostrar, meramente, que a opinião muito divulgada de Rondônia ser "a fronteira que deu certo"<sup>19</sup> não seria somente discutível quanto ao aspecto ecológico do desenvolvimento rondoniano, quanto ao aspecto de confronto entre "frente pioneira" e população indígena, mas também quanto ao "sucesso" econômico e social dos diferentes segmentos dessa frente pioneira.

A diferenciação social no campo rondoniano não é, contudo, nada de espetacular. Ela é parte constitutiva de uma sociedade caracterizada por estruturas sociais desiguais. A opinião de que "lugar novo" seja "melhor para o pobre" revela, por isso, meramente a percepção vigente entre migrantes e camponeses do potencial alto da frente pioneira quanto à reprodução sócio-econômica - e sobretudo quanto a uma mobilidade social - fato que, na maioria dos casos, evidencia-se corresponder somente ao "mito" da frente pioneira, pois, a médio e longo prazo, a frente pioneira - integrada a um estado central - não pode fugir dos mecanismos de subordinação social e econômica da "periferia" aos interesses do "centro".

Diferenciação e estratificação social mostram, antes de mais nada, que "dinamismo da frente pioneira" significa para muitos que chegaram em Rondônia já como as vítimas desses processos em outras partes do país, além da chance de realizarem suas esperanças, o risco de um novo expulso, o risco de uma nova marginalização no campo como minifundistas ou colonos-"sem terra" e, cada vez mais, o risco de uma marginalização nas novas cidades. Para 80 % dos colonos entrevistados no PIC "Ouro Preto", a concentração da propriedade e o novo expulso de camponeses também de Rondônia apresentou-se como um cenário bem provável.

Rondônia tinha dentro da estratégia brasileira de "integração da periferia amazônica" sobretudo a função de aliviar tensões sociais no "centro". As tensões se reproduzem na periferia agora. Tensões sociais, conflitos de interesses, conflitos de terra são conseqüências das disparidades estruturais da sociedade brasileira. Eles são expressão de uma "violência estrutural".

Como um todo, o relacionamento muito estreito do desenvolvimento da "periferia" com os interesses e problemas do "centro" evidencia-se também em Rondônia. Somente a nível regional os problemas não se resolvem. Ao contrário: as metas regionais são ultrapassadas pelo desenvolvimento real, no



Martin Coy

caso do POLONOROESTE, p.ex., pelos efeitos "contraprodutivos" da migração crescente. Os conflitos recentes de terra com índios e fazendeiros nos arredores dos NUAR no PIC "Ouro Preto", as invasões das reservas florestais nos novos projetos de assentamento, os conflitos atuais entre fazendeiros e posseiros (Fazenda "Santa Júlia", Fazenda "Catuva" em 1985), entre fazendeiros e trabalhadores em Cerejeiras em 1986<sup>20</sup> são reveladores dessa situação.

Programas como o POLONOROESTE têm que ser acompanhados de mudanças a nível superior por uma política econômica, agrária e regional favorável à estabilização do campesinato rondoniano de um lado e por metas nas regiões de procedência dos migrantes para uma limitação da migração de outro lado. Só assim é que o desenvolvimento rondoniano poderá encontrar um equilíbrio entre interesses da frente pioneira, a sobrevivência das comunidades indígenas e a proteção do meio-ambiente.

#### Anotações

\* O presente trabalho faz parte de uma tese de doutoramento sobre "Desenvolvimento e Planejamento Regional em Rondônia" que o autor redige sob a orientação do Prof. Dr. G. Kohlhepp na Universidade de Tübingen. As pesquisas de campo em Rondônia de abril de 1983 a novembro de 1984 e em julho de 1985 foram possíveis graças a uma bolsa de pesquisa da "Fundação Friedrich Ebert", Bonn. No Brasil, a pesquisa é vinculada ao "Núcleo de Altos Estudos Amazônicos" da Universidade Federal do Pará, Belém e ao Departamento de Geografia da Universidade de Brasília. Agradecemos a colaboração de todas as pessoas e instituições que contribuíram de maneiras diferentes para a conclusão do trabalho no Brasil.

- 1) cf. p.ex. SILVA 1982; para o desenvolvimento regional na Amazônia BECKER 1982, KOHLHEPP 1981, MARTINS 1984; a migração para Rondônia é analisada detalhadamente em COY 1986
- 2) cf. também o trabalho de BECKER 1987 nesse volume
- 3) cf. FEARN SIDE 1984 e FEARN SIDE 1987 nesse volume
- 4) cf. exemplos em KOHLHEPP/COY 1986
- 5) resultados da pesquisa de campo do autor nos anos 1983, 1984
- 6) cf. resultados análogos em FEARN SIDE 1985
- 7) cf. o amplo debate teórico sobre o campesinato, os modos de produção e sua articulação nas frentes pioneiras p.ex. em WOLF 1966, VELHO 1982, WOOD 1983
- 8) resultados da pesquisa de campo do autor em 1983, 1984
- 9) com. pess. de funcionários do INCRA em Ariquemes, Ouro Preto do Oeste e Ji-Paraná, 1983 e 1984
- 10) cf. o desenvolvimento urbano da região em COY 1986
- 11) cf. informações mais detalhadas sobre o programa POLONOROESTE e seus motivos p.ex. em MAHAR 1982 ou WORLD BANK 1981
- 12) cf. uma análise mais detalhada do PDRI-RO e dos outros aspectos do programa em COY 1986
- 13) cf. a análise detalhada desses aspectos com relação ao exemplo da colonização na Transamazônica em BUNKER 1985

- 14) são esses os NUAR "Nova União", "Teixeirópolis" e "Nova Colina" (cf. Fig. 1), todos construídos em 1982 e em funcionamento a partir de 1983, tendo cada um uma população urbana de aproximadamente pouco mais do que 100 famílias até várias centenas de famílias (situação em outubro de 1984)
- 15) cf. p.ex. a grande quantidade de "bolichos", etc., no caso estudado (Fig. 5)
- 16) cada NUAR é constituído, além das instalações públicas, de uns 250 lotes urbanos entre lotes residenciais e lotes comerciais
- 17) sendo p.ex. a capacidade planejada dos novos projetos de assentamento no quadro do POLONOROESTE (cf. localização Fig. 1) de um pouco mais que 15.000 colonos, como a capacidade dos outros novos projetos de colonização em Rondônia (financiados p.ex. pelo programa FINSOCIAL), inferior ao número de famílias selecionadas já pela última seleção do INCRA em 1982 de aprox. 20.000 famílias. Nesse cálculo, as famílias que chegaram, entretanto, desde 1982 em Rondônia ainda não são consideradas (com.pess. MIRAD/INCRA/DR/RO, Porto Velho, julho 1985)
- 18) como p.ex. no caso de grandes fazendas intercaladas em muitas áreas de colonização (também no PIC "Ouro Preto" - cf. COY 1986), no caso da predominância de "empresas rurais" e propriedades maiores em algumas partes de Rondônia, etc.
- 19) título de uma série de artigos do "Jornal do Brasil" na ocasião da conclusão das obras na BR 364 nos dias 11, 12, 13 de setembro de 1984
- 20) informações da coordenação regional da "Comissão Pastoral da Terra" (CPT), Porto Velho, 1984, 1985, 1986

## BIBLIOGRAFIA

- BECKER, B. K.: Geopolítica da Amazônia. A nova fronteira de recursos. Rio de Janeiro 1982
- BECKER, B. K.: Estratégia do Estado e povoamento espontâneo na expansão da fronteira agrícola em Rondônia: interação e conflito. Tübingen 1987 (nesse volume)
- BUNKER, S. G.: Underdeveloping the Amazon. Extraction, unequal exchange, and the failure of the modern state. Urbana, Chicago 1985
- CEPA-RO: Ações do setor público agrícola de Rondônia voltadas ao pequeno produtor. Porto Velho 1983
- COY, M.: Développement régional à la périphérie amazonienne. Organisation de l'espace, conflits d'intérêts et programmes d'aménagement dans une région de "frontière": le cas du Rondônia.- Em: Cahiers des Sciences Humaines, Vol. 22, Nº 3/4, pp. 371-388, Paris 1986
- FEARNSIDE, Ph. M.: A floresta vai acabar? - Em: Ciência hoje, Vol. 2, pp. 42-52, 1984
- FEARNSIDE, Ph. M.: Agriculture in Amazonia.- Em: PRANCE, G. T.; LOVEJOY, T. E. eds.: Amazonia. Key Environments, pp. 393-418. Oxford, New York 1985
- FEARNSIDE, Ph. M.: Frenesi de desmatamento no Brasil: a floresta amazônica irá sobreviver? Tübingen 1987 (nesse volume)
- KOHLHEPP, G.: Ocupação e valorização econômica da Amazônia. Estratégias de desenvolvimento do governo brasileiro e empresas privadas.- Em: Revista Geográfica, Nº 94, pp. 67-88, México 1983

Martin Coy

- KOHLHEPP, G.: Problems of agriculture in Latin America: production of food crops versus production of energy plants and export.- Em: Applied Geography and Development, Nº 27, pp. 60-92, Tübingen 1986
- KOHLHEPP, G.; COY, M.: Conflicts of interests and regional development planning in colonizing the Brazilian Amazon: the case of Rondônia.- Em: KLEINPENNING, J.M.G. ed.: Competition for rural and urban space in Latin America. Its consequences for low income groups. Nederlandse Geografische Studies 25, pp. 61-75, Amsterdam 1986
- LÜCKER, R.: Räumlicher Strukturwandel in einer peripheren Region durch weltmarktorientierte Agrarpolitik. Das Beispiel Alto Uruguai (Südbrasilien).- Em: Geographische Zeitschrift, Vol. 74, Nº 3, pp. 168-176, 1986
- MAHAR, D.J.: Frontier development policy in Brazil. A case study of Amazonia. New York 1979
- MAHAR, D. J.: Instituições internacionais de empréstimo e o desenvolvimento da Amazônia brasileira: a experiência do Banco Mundial.- Em: Revista de Administração Pública, Vol. 16, Nº 4, pp. 22-38, 1982
- MARTINS, J. de Souza: A militarização da questão agrária no Brasil. Terra e Poder: o problema da terra na crise política. Petrópolis 1984
- SEPLAN/RO-NURE: Cinco anos de migração em Rondônia. Porto Velho 1984
- SEPLAN/RO-NURE: Boletim de migração 1984. Porto Velho 1985
- SILVA, J. G. de: A modernização dolorosa. Estrutura agrária, fronteira agrícola e trabalhadores rurais no Brasil. Rio de Janeiro 1982
- VELHO, O. G.: Sociedade e agricultura. Rio de Janeiro 1982
- WOLF, E.: Peasants. Englewood Cliffs N.J. 1966
- WOOD, Ch.: Peasant and capitalist production in the Brazilian Amazon: a conceptual framework for the study of frontier expansion.- Em: MORAN, E. F. ed.: The dilemma of Amazonian Development, pp. 259-277, Boulder, Col. 1983
- WORLD BANK: Brazil. Integrated Development of the Northwest Frontier. A World Bank Country Study. Washington D.C. 1981

Dipl. Geogr. Martin Coy  
Geographisches Institut  
Universität Tübingen  
Hölderlinstr. 12  
7400 Tübingen / Alemanha / Alemania